

Rui Filipe, Paixões (des)Construtivas (estudo acerca das bases filosóficas por detrás da crítica ao Estado no pensamento anarquista de Bakúnine). Tese de Mestrado em Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. Orientador: José Barata-Moura.

De modo bastante simples e imediato, posso, sem receio, balizar esta dissertação como tendo dois pontos de enfoque principais.

O primeiro destes é o anarquismo clássico, com berço no séc. XIX e que encontra em Bakúnine um dos seus representantes mais destacados. Anarquismo este nascido das carências inerentes a um mundo dominado por uma crescente revolução industrial que apenas parecia estar a ajudar a humanidade nas narrativas que sobre ele se faziam, mas não nas bases humanas sobre a quais estava a ser construído. Ganhando uma força considerável enquanto um grito de revolta contra a sua situação, este anarquismo parecia ser o tomar de consciência crítico de muitos desprivilegiados deste período. Anarquismo este que, assim, ganha a sua inteligibilidade ao se construir como um movimento de contestação quanto ao mundo que o deu à luz.

Neste vector, aparece o segundo foco contemplado, a saber, o Estado. Instituído como alvo a abater, a leitura que dele é feita torna-se indissociável face à própria compreensão do anarquismo enquanto corrente política que, talvez mais importante para aqui, mostra um âmbito filosófico na sua fundamentação. Como dois elos ligados numa mesma corrente, aquilo que é a compreensão de um é indissociável daquilo que entendemos como sendo o outro.

Não seria despropositado dizer, então, que estes dois temas de enfoque são duas correntes de um mesmo caudal. Para chegar às bases de uma verdadeira compreensão daquilo que é o anarquismo, tal é impossível sem medirmos a nossa análise por aquilo que esta último diz quanto ao Estado. Foi esta a minha intenção – na leitura que este tem do Estado, encontramos uma das chaves mais eficazes para ler o anarquismo clássico. Fazendo um todo, eles são elementos de uma mesma unidade de sentido. Este é, talvez, um dos filões subterrâneos que subjaz à própria composição desta dissertação.

Porém, neste jogo, falta ainda compreender o essencial. Podia-se muito bem explicar estes elementos num sentido genérico, nublado, em suma, abstracto. Mas é uma coisa diferente entrar na investigação e surpreender as cores a partir das quais ele se ilustra concretamente. Não bastou

Philosophica, 51, Lisboa, 2018, pp. 139-143.

silhuetar as margens, é preciso entrar no rio que se move entre estes nexos.

É neste sentido que procurei estruturar a minha tese com base em três conceitos específicos que irão ter um papel fundamental no pensamento anarquista de Bakúnine e, portanto, também na leitura que este faz do Estado. Nomeando os suspeitos, o primeiro capítulo terá sido desenvolvido sob o signo da *Alienação*, o segundo, o da *Negação* e o terceiro e último o da *Liberdade*. Cada um destes, mesmo podendo não estar evidentes, foram o centro temático de cada uma das secções desta tese.

Por sua vez, penso também não estar a exagerar quando afirmo esta ordem da tese como não sendo fruto de uma escolha arbitrária e pessoal quanto à abordagem do tema em causa.

Se a alienação foi o primeiro momento, esta ocorrência dá-se porque ela irá representar o núcleo fundamental de uma lógica mais abrangente explicadora da própria natureza do Estado. Falo aqui do fundamento possibilitador do fenómeno inicialmente tido como fulcral para compreender o mais simples processo político – a autoridade. Incindido a luz da ribalta, ao subir do pano, sobre esta, ela torna-se no nódulo que estabelece o próprio âmbito do político. No princípio do político temos a autoridade. Descortinar, assim, neste contexto, a alienação enquanto causa que compreende a autoridade é descodificar a razão suficiente que a determina concretamente.

Mas, se da alienação se fala, cuidados acrescidos são necessários. Sendo este um conceito que ganhou um destaque sem igual nos ideários oriundos dos jovens hegelianos, com as mais variadas leituras (havendo quase como que uma alienação específica por cada cabeça neste período), apresentou-se como necessário esclarecer as bases onde esta é projectada.

Neste sentido, à sua maneira, admite-se que este primeiro capítulo se apresenta com uma importância fundamental face a tudo mais exposto na tese. Por isto não entendo um resto de tese ligeiramente supérfluo face a esta abertura onde tudo fica dito, ou a exposição de um axioma que, após estabelecido, já não precisa referir os corolários devido à evidência destes. Como se irá sublinhar, o segundo e terceiro capítulos, com base nos seus conceitos, surpreendem elementos igualmente essenciais para uma leitura completa do anarquismo e da sua relação com o Estado.

Todavia, se se enaltece a importância deste primeiro capítulo face aos outros, é porque nele se encontra o desenvolvimento da própria ontologia e perspectiva basilar de Bakúnine. Não apenas enquanto ela surge como “doutrina”, mas também como solução a problemas concretamente postos. Tudo o resto dito ao longo desta dissertação estará marcado pelo cunho deste horizonte onde nascem todos os fenómenos trabalhados por Bakúnine.

Alienação, autoridade, Estado, o próprio horizonte do político enquanto esfera particular da realidade, aparecem assim ininteligíveis na leitura bakuninista se não forem enquadrados num materialismo que, sem abdicar desta base, apresenta laivos vitalistas e positivistas. Assim aparece um idealismo que, mesmo tendo uma base com o seu quê de teórico, apresenta um conjunto de consequências práticas. Idealismo que, ao representar a vida em contornos estreitos, afunila esta num campo de forças.

Aparece aqui o Estado como representante último deste fenómeno. Ele é sinal de um idealismo que, ao considerar a vida como sendo decorrente de uma instância centralizada, aliena o existir de muitos num ponto específico, e empunha os que vivem dentro deste com autoridade.

Se Estado é fruto da alienação, que é então o anarquismo? Falei destes quase como irmãos siameses. No segundo capítulo esta ligação torna-se mais explícita. Recuperando, mais uma vez, um ideário com o seu quê de hegeliano, defendo a negação tratada por Bakúnine como o ponto chave conector de Estado e anarquismo, tendo, no entanto, uma abrangência teórica muito maior.

Esta conexão não pode ser estabelecida de modo unilateral ou com base no habitualmente estabelecido como sendo um nexos causal linear. De acordo com a própria defesa do Bakúnine quanto a esta categoria extraída do seu mestre filosófico, o elemento negativo da negação nasce sempre do seio de um estado de coisas existente. Ela é o coração da contradição que, nada mais, nada menos, é o nascimento de um novo conjunto de realidades incapazes de serem comportados pelo enquadramento presente. Ela é a contestação desse enquadramento e o avanço dessa nova realidade que se quer mais rica.

Por esta razão, defendo Bakúnine como tendo o mais forte conceito de negação dentro de todos os discípulos heterodoxos de Hegel. Por um lado, com base nela encontra a contradição o núcleo capaz de lhe dar sentido. Por outro, a própria resolução desta, mais do que por recurso a uma superação [Aufhebung] aparentada ao filósofo do idealismo alemão, tem antes o elemento negativo a suprimir a totalidade dos elementos determinantes da realidade existente contra os quais se coloca.

Às costas desta compreensão, salientada como estando fundada naquela já referida filosofia hegeliana, encontra boleia um conjunto muito elaborado de vectores personificados conscientemente por Bakúnine. Em primeiro lugar, seria este o sendeiro onde, jovem hegelianamente, o mundo teórico da filosofia ir-se-ia converter num motor prático da realidade. Em segundo lugar, de modo geral, aqui encontramos a lógica inerente ao mundo onde se torna compreensível o movimento capaz de trazer o novo a

partir do velho. Por fim, de modo particular, compreendendo a missão inerente à própria história, seria aqui o berço do anarquismo enquanto negação localizado do Estado, e de tudo o que ele representa, no período moderno.

Anarquismo é a negação da alienação onde se comprimiu a vida no colete de forças da sociedade estatal. Anarquismo é o representante e a entrada no terceiro e último conceito condutor desta dissertação, a liberdade.

Se a alienação inerente ao Estado se expressa num idealismo que brutaliza a matéria vivente, então o anarquismo é a afirmação, prática, da matéria enquanto base da vida capaz de, então, abrir de par em par as portas para a liberdade. Fala-se assim de uma liberdade construída com base na própria noção do homem enquanto agente natural de uma realidade já em si Natureza. Construção essa não apenas localizada na relação do homem com mundo, mas também na própria realidade social onde esta mediação se produz.

A liberdade que o anarquismo representa estará dependente das próprias negações específicas inerentes à sociedade estatal. O federalismo e o socialismo têm aqui o seu papel. Eles são o transformar humano da realidade comunitária onde se encontra presente a passagem de um sistema, recorrendo a uma linguagem kantiana, heteronómico para um autónomico. Atacando, cada um no seu âmbito, as forças de onde nasce a autoridade e a alienação, o socialismo buscaria a demolição dos elementos económicos produtores desta e, por sua vez, o federalismo das puramente políticas.

Sendo a liberdade impossível sem ambas, o socialismo seria o sistema capaz de instituir uma relação mais próxima com os meios a partir dos quais o homem produz o seu viver, e o federalismo o sistema de tomada de decisão onde tais meios são sempre utilizados com bases nas deliberações de aqueles que os utilizam.

Neste sentido, lembrando a mais conhecida tese de Bakúnine, o recurso ao Estado para transformar a sociedade rumo a um futuro onde ele não seria mais preciso nasce de um erro fundamental. Seria usar o idealismo que, mesmo apresentado um mundo materialista, não saia da esfera da alienação e, portanto, da autoridade enquanto cimento da sociedade.

Procuro acabar neste registo a tese. Com base no conceito de negação desenvolvido por Bakúnine, a forma como ele vai defender a missão do anarquismo na história é altamente exigente. Tentando não cair nos erros do passado, ele procura um mundo para lá da autoridade.

Neste sentido, ele, como um Sócrates da revolução, de acordo com o que é dito no final desta dissertação, mostra quais os erros de muitos planos tidos no movimento socialista incapazes de ascender às exigências impostas pelo objectivo em causa. Contudo, mantendo a metáfora do filósofo

grego, parecemos ser colocados num plano aporético, antecâmara do saber e da acção, mais pautado pelo desejo rumo a estes, do que numa colocação definitiva deles diante nós.